Manaus (Brazil) 29 de Março de 1914 — 1º ANNO — N.º 1

A Lucta Social

ORGAM OPERARIO — LIVRE

Redactor-responsavel — TERCIO MIRANDA

Operarios! Lêde o nosso jornal e dai-o a lêr aos vossos camaradas!

Interessai-vos pelo estudo das questões sociaes se quereis a vossa emancipação e afastae de vós toda a oppressão que vos possa corromper.

Viva o operariado livre!

Este numero distribue-se gratuitamente

A Lucta Social

Vamos tentar fundar, com uma grande ajuda, que é a nossa boa vontade, um jornal operario com o titulo que epigrápha estas linhas.

Sendo de orientação operaria, todos percebem que é um jornal prompto e apto a deffender o pequeno, o humilde, o productor, contra o burguez enfatuado, SNOBISTA e mal cheiroso.

Mas tu meu pequeno productor, não vás julgar que te illibas de apanhar as nossas censuras, caso as mereças.

Este jornal, é operario, o dissemos; e como tal bastante justiceiro.

Escusa o burguez de nos preparar *charlatanices* grosseiras, nem aquelle a quem deffendemos, o operario, afivelar-se com a mascara hypocrisiaca de Camillo, ou com outra, peor ainda, mais velhaca, suja, *demonisiaca*.

O nosso traçado é este, e que todos o entendam e evitem as nossas *ferroadas*, se acham que este termo lhes merecemos.

E eis pois a lucta social á qual nos abalançamos, neste Amazonas preconceituoso.

Mas, lucta, é lucta.

* * *

E... com franqueza, a lucta deve ser titanica! Dum lado, a enfatuação burguesa, e do outro, o ignorante arvorado em sabio de papelão, ou, sejamos mais positivos: em politiqueiro fazendo propaganda da sua miseria espiritual.

A lucta do pequeno contra o grande, como vulgarmente dizem os sociologos, para melhor comprehensão dos seus leitores, desde as eras mais romotas, tem sido duma tenacidade quasi cyclopica.

Se olharmos, um pouco, para a historia dos povos, nós veremos que na antiga Roma, não éra considerado, todo aquelle, por pobre que fosse, que possuisse menos de tres escravos.

D'ahi a facil comprehensão das guerras civis, (revoltas de escravos) a chacina dos grandes, dos senhores e o perigo que sempre corria o amo, com aquelle que lhe fabricava o pão, em troco duma chicotada; lhe bordava as tunicas, o lavava e divertia com os seus crassos conhecimentos musicos, em troco da *mó* ou do *ergastulo;* com suas vilipendiacas momices, em troca até, do secreto conteudo d'uma amphora, praser que muitas e muitas vezes o seu amo e senhor não dispensava, para sentir o espasmo horrivel,—á laia desse modelo pathologico, chamado Clara, creado por Mirbeau—fornecido por um corpo envenenado, num estrebuchamento de corça ferida mortalmente.

E a lucta tem seguido, desde então, não tão encarniçada, mas mais humana, mais pausadamente, e como tudo na natureza obedece aos celebres principios do transformismo, devido ás multiplas reacções de corpos contra corpos, a evolução impera, embora ella seja o producto, o effeito de milhares, de myriades de revoluções.

Tal qual é a humanidade que tem que seguir fatalmente as mesmas leis, os mesmos principios, revolucionando, directa ou intellectualmente o mais que póde, sobretudo aquelles que possuindo e comprehendendo a força do seu *Eu,* vão infundindo luz aos espiritos menos cultos, orientando-os, mostrando-lhes a Verdade, sem receiarem as humidades da masmorra, do presidio, e nos paises que se dizem cultos, a bala do fusil, a guilhotina, etc.

E como receiar?... Se um consciente que cai, logo uma centena se levanta?...

E eis a lucta social, hontem d'uma fórma tão barbara, hoje mais cordata e racional, e amanhã não será precisa, por nos tornarmos indubitavelmente mais humanos, uns seres mais conscientes, emfim, sãos de espirito, e portanto mais bondosos.

Toda a correspondencia relativa ao nosso jornal, deve ser enviada a Tercio Miranda, Caixa Postal, 78 — Manáos.

Somos operarios

Não somos eruditos nem Herodotos; não frequentamos Universidades ou Academias para

adquirir um *papel* pelo qual se nos auctorizasse a viver sem trabalhar. Não. Os nossos paes não eram burguezes nem mandões, por isso quem pensar encontrar nestas columnas linitivo ao espirito ocioso que produz o rizo do burguez, engana-se. A nossa escola é outra: Somos operarios e a nossa illustração quer intellectual, quer material é a menos imperfeita de todas porque é colhida no templo onde as imagens são:—componedores, martellos, arados, serrotes, plainas, cutellos, enxadas, machados e, emfim, outros *santos* mais de que se compõe nossa egreja cujo fim unico é a propagação do trabalho, porque sem este era impossivel a vida.

Repetimos: a nossa universidade é a forja, o atelier, a humida mansarda, por isso não perderemos tempo com phrases *amenas* que sóem deleitar o sentido auricular do leitor, porém, que em synthese, só uma coisa traduzem:—enganar com ellas o trabalhador afim de que este não acorde da lethargia em que jaz em alguns paizes onde a doutrina anarquista ainda é um mytho, e elles (os escriptores burguezes) ir vivendo á custa dessas phrases das quaes fizeram profissão porque o exercicio diario do trabalho lhes é prejudicial ao corpo. Nada como o descanso—é a theoria dos parasitas.

Companheiros:

Sabeis p'ra que servem essas palavras *amenas*, bonitas, que os burguezes empregam em seus livros, em seus jornaes, nos seus discursos, emfim? Servem para enganar-nos, porque desse modo elles não trabalham e querem que nós produzamos tudo do que elles carecem, fazendo-nos vêr que o trabalho é uma *virtude* e que nós temos o dever de trabalhar até morrer, emquanto elles se divertem nos lupanares immundos, desviando-se por completo da pratica de tal virtude, isto é—do trabalho.

Assim, pois, camaradas, é chegada a hora de ajustar contas com elles, nós que tudo produzimos e nada possuimos, (desde a meia que elles calçam até ao pão que comem, cultivado e elaborado por nós); é necessario, é indispensavel pois, que todos os que vivemos do trabalho pensemos ao menos CINCO MINUTOS no nosso futuro e no de nossas familias.

Operario:

Pensa que—desde que nasces até á hora suprema da agonia, luctaste, trabalhaste honradamente e... maldição! quasi sempre morres na mais infrene miseria, deixando a tua familia em humilde condição, geralmente na mendicidade, implorando a esmola *caridosa* que com mãos de *seda* te dará o burguez omnipotente;

Pensa—que trabalhas desde que o sol apparece até a sua desapparição no occaso e sempre mofado pelo patrão, eternamente escamoteado pelo industrial que só visa o augmento de seu capital, sacrificando, para isso a ti e tua familia;

Medita que—quantas vezes na vida deixas de comer e dar pão a teus filhos, emquanto a burguezia derrama em orgias, nesses immensos palacios construidos por ti, o vinho, teu suor convertido em finos licores;

Lembrate que—durante 30, 40, 50, 60, ou setenta annos (emquanto puderes) trabalharás e depois... dissolução fatal!... já exhausto de forças, inutil para seres explorado serás lançado nos aposentos lugubres d'um hospital, os teus filhos pedirão esmola levados pelo braço da progenitora amantissima que tu tanto idolatraste, porém que a Sociedade Maldicta fez escrava e mendiga depois de inutilisal-a no trabalho excessivo com que essa seita negra da humanidade enriqueceram;

Reflexiona CINCO MINUTOS sómente no teu futuro, e dirás depois:—só uma cousa me espera—a fome que passarás e farás passar aos teus, porque a fome é producto do burguez, e, eternisar-se-á se continuares a ver indifferente o dia de amanhã.

Vacilla—e diz com franqueza o que sentes. Acceitarás o jugo eterno da escravidão? Não! Conduzirás sempre no rosto enrrugado aos vinte annos de edade pela miseria, o estigma do reprobo, do pária, que, sendo o artifice de todo o existente não tem lar nem casa?—Não!

Que fazer pois, ante esse dilemma terrivel em que a sociedade actual te prostrou?

Preparar-te para a lucta pela tua emancipação.

Não esqueças que de ha longas datas tens a miseria á porta e por consequencia urge escorraçal-a como outr'ora Christo, fez aos vendilhões do templo.

Associa-te, organisa-te em associações onde encontrarás o antidoto poderoso que, ajudar-te-á a levar a cabo a grande obra da regeneração humana, mostrando assim que sabes comprehender os laços de solidariedade que atravez das fronteiras se cruzam unisonos, em holocausto da tua emancipação integral.

Sim, é ella a solidariedade poderosa que, paralisando em dado momento o movimento do arado, a força do vapor, fará com que n'um só dia o operariado recupere aquillo que os burguezes lhe roubaram—toda a producção existente, porque é legado dos nossos antepassados, aperfeiçoado por nós; e para gaudio delles por honra aos mortos, não devemos consentir que por mais tempo a vibora se nutra do nosso sangue, e do de nossas familias, condemnando-nos assim, a perpetuo servilismo.

Fundemos sociedades de classe, porém, não essas sociedades *caça-nikeis*, denominadas *Beneficentes*—porque ellas são a negação absoluta das idéas reivindicadoras. Organizemo-nos, repito, mas dentro das mais modernas aspirações libertarias, nas bases solidas do syndicalismo puro—unica fórma adoptada na escola operaria-racionalista; isto é, no Socialismo Libertario, porque só de seu seio surgirá a aurora redemptora da liberdade illuminando a senda d'uma Sociedade Nova, de Paz e de Concordia.

Zed Nánref.

A Lucta das Classes

I

A sociedade moderna é uma hierarchia, ou melhor um conjuncto de hierarchias.

As differentes hierarchias—economica, politica, administrativa, militar, etc.,—juntam-se, fundem-se numa só, constituindo o que nós chamamos a divisão geral da sociedade em classes, ou condições, superiores ou inferiores.

Nos graos inferiores, estão as pessoas sem propriedade, sem

trabalho garantido, sem instrucção, isto é, os parias.

A sua precaria situação não lhes permitte quase nunca ter familia, nem associar-se entre si para melhorar a sua sorte, nem exercer uma influencia nas coisas publicas. A sua acção, pode dizer-se, é perturbadora: reduz-se aos motins, á concorrencia com os operarios da mesma profissão, que elles substituem (principalmente em occasiões de gréve) e ao crime.

Acima d'ella fica a classe dos operarios de profissão, cujo trabalho se pode considerar regular: — é-o em certa medida e o salario basta, bem ou mal para sustentar uma familia. Podem incluir-se nesta categoria os artifices, os caixeiros, os pequenos empregados, os logistas de capital minimo. A condição de existencia d'estes varia muito d'uma região para outra. Nos campos o rendeiro, o pequeno fanzendeiro, tem um lugar correspondente ao do operario de profissão na cidade, raras vezes um logar superior.

Mais alto um pouco na hierarchia, ficam os pequenos proprietarios, industriaes, commerciantes, empregados, artistas; numa palavra, a pequena burguezia. Possuem já algum capital, alguma instrucção, ou pelo menos forças sociaes que teem accesso a profissões e a situações um pouco mais lucrativas do que a de simples operarios. E' talvez a classe mais agitada, mais movimentada, porque os seus membros pódem, com a mesma facilidade, subir á classe superior ou veremse lançados á classe dos operarios; e isto não só por causa das suas qualidades e factos pessoaes, mas em consequencia de toda a especie de acontecimentos; d'uma crise, de más colheitas, de impostos muito pesados, etc.

Mais acima encontra-se a classe soberana de facto, composta d'um certo numero de familias opulentas, entre as quaes se perpetua a posse da maior parte das riquezas immobiliaveis e mobiliaveis de um paiz, — e individuos occupando os altos logares do governo e as altas situações superiores.

Esta classe encerra no seu seio o que resta da aristocracia do antigo regimen (a que se diz aristocracia de sangue), os profissionaes mais afortunados e os chefes de todas as hierarchias.

Distinguem-se, pois, as classes, pelo seu maior ou menor bem estar e pelo genero da sua actividade.

S. Merlino.

A AURORA PROLETARIA

Se ha um occaso burguez, tambem ha uma aurora proletaria. Uma classe declina depois de haver desenvolvido uma civilisação que não trouxe ás multidões todos os beneficios que podia e devia trazer-lhes. Logo a outra classe surge para a vida para desenvolver outra civilisação que não exclúa alguem dos beneficios do progresso.

Depois de evolução burgueza, a evolução proletaria.

A humanidade, desviada das suas origens de liberdade e egualdade pelo egoismo anti-social, de castas e classe dominantes, vae lançar-se novamente no percurso rectilineo do progresso, guiada pelo egoismo social duma classe que não admitte entre os homens outras differenças, além das naturais.

Essas differenças naturais de côr, de linguagem, de mentalidade, etc., não são nem foram, em tempo algum, os verdadeiros e essenciaes motivos de inimisades entre os homens. Teem sido os pretextos para encobrir a injustiça do roubo que é a conquista e o latrocinio da exploração do homem pelo homem.

Essas diferenças naturais dum grupo para o outro e de individuo para individuo, não constitue uma base logica nem racional para que um reduzido numero de homens, tenha a pretensão de fazer dirivar a desigualdade economica dessas mesmas differenças, que não foram tomadas como base da sua conveniencia social pelo homem primitivo; e é de primeira intuição que não existe no genero humano uma disparidade, de tal ordem que possa dar a alguem um motivo para expoliar e dominar outros homens. E as multidões de todas as epocas na sua simplicidade de creaturas primitivas, que a metaphisica não tem podido totalmente preverter, assim o compreenderam sempre, ao formular as suas aspirações e as suas reivindicações.

Escutae esta interpretação do direito natural, da bocca dum homem cujo nome vos seja grato, mas cuja acção foi recentemente e nefasta aos trabalhadores. Escutae-a dos labios do Clemenceau quando ainda não tinha chegado ás culminancias do impotente poderio governamental, para levar esse direito natural á pratica.

As seguintes palavras fôram proferidas por elle no Senado francez ahi pelo anno de 1902:

«O homem, quando nasce, apresenta-se com os direitos á existencia e, logo a seguir o socialismo lhe diz: todos os homens tem direitos eguais á existencia.»

«*Ainda não se argumentou contra esta doutrina* e não se pôde egualmente sustentar que determinadas creaturas humanas, teem direitos superiores. Não.

E, doutrinariamente, toda a gente ha-de admitir, por fôrça, que *todas as creaturas humanas teem direitos eguais.*»

Nestas palavras, que são de ouro, por mais que a realidade burgueza, depois delas proferidas por Clemenceau, as haja renegado e os proletarios as hajam selado com o sangue nestas palavras, restando, esta a aurora proletaria, precursora dum systhema de conveniencia social que hade assegurar a cada individuo, toda a forma de bem estar e de felicidade adquada, em cada epoca, ao desenvolvimento progressivo da humanidade.

E essa aurora não é mera illusão nos nossos sentidos; não: a espelhagem enganadora dos entes febris e dos corações exaltados pelo soffrimento, é uma realidade mais viva e fulgurante que esse pobre occaso da civilisação burgueza, que não tem outro ideal mais, que amontuar caro, para dar vida ao monstruoso sêr multimilionario.

Haveis de permitir-me que eu exponha á vossa consideração, as palavras de saudação a essa aurora, publicada na arqui-conservadora *Tribuna*, de Roma, em 28 de agosto de 1897, e assinadas pelo escritor Rastignac, pseudonimo do advogado Vicente Morélli:

«Poderemos dizer a verdade a nós proprios? Se podemos dizel-a, seja-me permitido afirmar que: *a unica fórma heroica da sciencia e da vida moderna é* o *anarchismo;* que do anarchismo

dirivam os livros mais geniais e os homens de maior valor; que no anarchismo se contem uma gestação, e talvez nelle amadureça a *gente nova,* dominadora da vida social. Esse anarchismo tem os seus philosophos, os seus poetas, os seus jornalistas, os seus criticos e os seus herois. E' uma completa onda fresca e sonóra de ideias e phantasmas; e na obra desses homens que valem mais e melhor que os chinezes, do socialismo ou o bisantismo do conservantismo em tudo quanto elles pensam e escrevem ha uma tal fôrça socrática de raciocinio e de originalidade, de inspiração tão bella, com frequencia nos merilhamos e quasi sempre nos conservemos ...

«O Anarchismo não é uma causa é uma sequencia; não uma preposição, mas sim uma iláção, é a expressão da loucura politica, mas sim a afirmação duma condição de cousas que está destinada á transformação.

«Com uma sociedade como a nossa, isto é, com uma sociedade corroída em toda a sua estrúetura, totalmente obetida nos seus humores duma discrazia já invencivel, o anarchismo, quer dizer, o *espirito que sigo*, é uma necessidade logica inevitavel.

«O anarchismo é, actualmente, para a nossa sociedade, o que foi a philosophia de Rousseau no seculo passado.

Naquelle mundo apertado de previlegios, de prejuisos e crueldade, precipitou-se Rousseau, como se precipita um salvador, a ponto de asfixiar-se numa casa fechada em que se encontra, uma pessoa amada; e, abriu todas as janellas e ensinou que, mais alem daquellas leis, daqueles preceitos cortezãos, que mais alem daquella medida de vaidade, e ditiqueta, havia campos livres e céus infinitos, as glorias da vida universal e as esperanças do immortal provir.

«O anarchismo, contra o predominio vil das maiorias eleitoraes e pela mesma, contem a afirmação da *consciencia individual;* contra a inercia moral das classes chamadas dominadora, contém a affirmação das vontades salvadoras; contra a incoherencia do pensamento e da acção; a afirmação logica, duma e doutra...»

O que pede afinal esse socialista anarchista—porque o anarchismo tambem é socialismo—o que pede o anarchismo através das exigencias, das supplicas e das manifestações proletarias?

Pede pão e sciencia para todos; o pão do corpo e pão do espirito para todos; a extensão da vida material e intellectual, a toda a gente.

E essa petição tem alguma coisa de horrivel, negativo e cahotico, como por ahi teem dito os que sobre socialismo e anarquismo só falam d'outiva, ou interpretando-os atravez do prisma dum interesse de classe, que se sente ameaçado de morte?

O que pede o proletariado militante, o proletariado consciente é justo e benefico; é a base da civilisação, sem a qual não pode salvar-se.

Pode ser livre o homem sem condições de existencias?

Pode sêr livre neste inferno dum trabalho, effectuado em condições brutificantes e que, além de absorver toda a sua vida, não tem a restribuição sufficiente para reparar o dispendio das suas forças?

E' por acaso um homem, no mais elevado sentido de palavra, no meio desta orgia continua da ociosidade triumphante?

O fim da humanidade é a realisação da mais alta cultura que fôr possivel, em todos os individuos; a maior somma de vida e saúde, o maior goso sem prejuizo.

Todo o homem deve encontrar na sociedade o que encontrou em sua mãe quando nasceu: o alimento adquado.

O homem tem direito a que o colloquem em condições de possuir esse alimento; tem direito ao desenvolvimento de todos os elementos da vida que traz consigo quando vem ao mundo, desde os germens da vida organica aos da vida genial.

O proletario cançou-se de acommodar-se com esses retalhos de egualdade e essas parcellas de liberdade com que o gratifica a astucia burgueza. Exige e quer toda a egualdade e toda a liberdade e tem direito a exigil-as em voz alta porque é tanto de carne e osso, como a classe dominante que lhá's nega.

E digo mais: digo que elle tem, presentemente, maior direito a disfructal-as, em toda a sua integridade que a burguezia, porque do Trabalho, que é o productivo, por si proprio hahem todos esses beneficios do capitalismo, que não é productivo por si mesmo.

E para proval-o deixae a burguezia, com todos os seus milhões e as suas propriedades e arrebatae-lhe a força do trabalho, arrebatae-lhe o operario.

Vel-a-eis apertada entre este dilemma: ou morrer de fome sobre os seus milhões e as suas propriedades, ou entregar-se á tarefa como qualquer operario.

Invertei agora os termos. Fazei mentalmente e supressão do capital e dos capitalistas e imaginae os eperarios novamente despidos e desarmados sobre terra. Podeis têr por seguro que não morreriam de fome. O seu esforço muscular e o seu esforço intelectual resuscitariam a industria e a agricultura, sem capitaes á semelhança ao homem primitivo, ou como na vida comunista dos povos primitivos.

Essa crença do capital e dos capitalistas serem imprescindiveis para a vida progressiva das sociedades tem-nos feito agonisar ha muitos seculos.

E' preciso supprimir em crença; é necessario dizer aos explorados que o sistema de producção capitalista lhes usurpa impunemente o fructo do seu trabalho. Não é de mais repetir-lhes, até á saciedade as palavras de Eugenio Simón:

«Esse direito de propriedade é imfame porque mata, desmoralisa e degrada o homem.»

JOSÉ PRAT.

(Excerto duma conferencia no Centro da Juventude Republicana de Lérida—Hespanha.)

Contos Infantis

O Espantalho

Um velho camponez tinha armado um espantalho, para afastar os passaros do seu jardim.

O espantalho consistia num pau fixo no solo e guarnecido de velhos restos de vestuarios. O camponez vinha todas as manhãs contemplar o manequim que fabricára, embellezando a sua obra, pela qual sentia uma secreta afeição.

Ora lhe punha uma banda de panno encarnado, ora lhe pregava no sitio do peito, uma placa de metal brilhante, simulando

uma condecoração. Chegou o seu engenho a confeccionar para o fantoche uma especie de mascara com dois grandes olhos e uma enorme boca. Pobre velho! Aquelle boneco era o seu enlevo o seu orgulho!

Um dia encontrou no sotão uma espada velha e enferrujada e com ella armou o seu espantalho. Esta paixão tinha aumentado pouco a pouco; de fórma, que quando o velho via o manequim agitando os braços e brandindo a espada, por efeito do vento, sentia-se muito impressionado com o espectaculo, chegando mesmo a sentir um certo temôr. Chegou a perguntar a si proprio se fôra realmente elle, que fabricára aquillo. Por fim, atterrado, já não seguia os atalhos que o conduzissem em frente da sua obra; mas como de toda a parte do jardim se via o boneco numa dansa infernal, acabou por não pôr lá mais os pés, vivendo encerrado no seu quarto.

* * *

Vós, creanças, que sorristes com esta pequena historia, conservai-a bem na lembrança, porque quando fôrdes grandes, vereis que os homens, se parecem com o camponez.

Os homens escolhem alguns delles e mascaram-nos, segundo a fantazia. A uns vestem-lhes uma sinistra vestimenta preta; a outros cobrem-nos de uniformes dourados, depois amedrontam-se com o que fizeram. E os seus espantalhos tornam-se os dominadores.

Maurice Marchin.

O Salariato

I

A nosso ver, os collectivistas commettem um duplo erro nos seus planos de reconstrucção da sociedade. Tratando-se de abolir o regimen capitalista, pretendem elles, todavia, conservar duas instituições de que vive esse regimen: o governo representativo e o salariato.

No tocante o governo chamado do representativo, bastas vezes temos dito e repetimos: — não ha meio de podermos comprehender como homens intelligentes — e o partido collectivista conta-os em bom numero — possam vir a publico defender os parlamentos nacionaes ou municipaes, depois de tão grandes licções que a historia nos tem dado a tal respeito, quer na França, quer na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa ou nos Estados Unidos.

Emquanto que de todos os lados assistimos ao fracassar do regimen parlamentar, emquanto que por toda a parte se faz a critica das *proprias bases* do systema — não fallando já das suas applicações — como é possivel que creaturas instruidas, dizendo-se socialistas revolucionarios, queiram acceitar semelhante systema, já condemnado á morte?

Ninguem desconhece que o systema foi inventado pela burguezia, para desvalorisar a realeza e ao mesmo tempo manter o seu dominio sobre os trabalhadores. Elle é, por excellencia, a forma do regimen burguez. E sabido é que, por mais louvores que lhe teçam, os burguezes nunca sustentaram a sério que um parlamento ou camara municipal fosse capaz de representar a nação ou a cidade; os mais intelligentes de entre elles sabem que isso é impossivel. Pugnando pelo regimen parlamentar, a burguezia procurou habilmente oppôr um dique á realeza, sem conceder a liberdade ao povo.

De mais percebe-se que, á medida que o povo se vá tornando conhecedor dos seus interesses e que a variedade de interesses se multiplique, o systema tem que desapparecer. E' até por isso que os democratas de todos os paizes andam á busca, sem darem com elles, de paliativos varios, de correcções ao systema. Chega-se a experimentar o *referendum* e caese na verdade do que elle nada vale; falla-se de representação proporcional — outras tantas utopias parlamentares. Empregamse, numa palavra, mil esforços para acabar o desconhecido, isto é, uma delegação que satisfaça o sem-numero de interesses de toda a especie da nação; mas, afinal forçado é o reconhecer que se trilha um caminho falso, e a confiança num governo por delegação logo se perde.

—

Só os democratas socialistas e os collectivistas é que não desanimam e cançam-se de sustentar a representação que recebe o nome de nacional, o que, francamente, não percebemos.

Se não lhes convem os nossos principios anarchistas, se os julgam impraticaveis, ao menos deviam, que nos pareça, tratar de estudar um outro systema de organisação que pudesse corresponder bem a uma sociedade sem capitalistas nem proprietarios. Mas, perfilhar o systema dos burguezes, — systema que já morreu, systema vicioso que caducou — e preconisal-o com algumas emendas ligeiras, taes como o mandato imperativo ou o *referendum,* cuja inutilidade está mais que provada: preconisal-o para uma sociedade que tiver feito a sua revolução social — isso parece-nos um absurdo, a não ser que, com o titulo de Revolução social, se tenha em vista qualquer outra coisa que não seja a Revolução, isto é, uma banal modificação no regimen burguez que atravessamos.

—

O mesmo se dá com o salariato; porque, depois de se ter proclamado a posse commum dos instrumentos de trabalho e a abolição da propriedade privada e como se ha de justificar, debaixo desta ou daquella forma, a existencia do salario? Pois bem, não obstante isso, o que é que pensam os collectivistas quando nos promettem *titulos de trabalho?*

Não admira que os socialistas inglezes do começo deste seculo tenham pregado os titulos de trabalho. A sua intenção consistia apenas em realisar um mutuo accôrdo entre o Capital e o Trabalho. Repudiavam qualquer ideia violentamente lançada sobre a propriedade dos capitalistas. Eram tão pouco revolucionarios que se declaravam dispostos a acolher um regimen imperial, desde o momento que este regimen protegesse as suas sociedades de cooperativismo. Essencialmente, eram burguezes — ou caridosos, se melhor convem este termo — e isso porque, consoante nos diz Engels no seu prefacio ao manifesto communista de 1848, os *socialistas,* nessa época, eram feitos da massa burgueza, ao contrario do proletariado avançado, que, esse, era *communista.*

Proudhon, mais tarde, seguiu essa ideia, mas isso ainda se comprehende. No seu systema mu-

tualista, que queria elle senão tornar o capital menos offensivo, embora não mexesse na propriedade privada, que aborrecia do fundo da alma, mas que supunha precisa como garantia do individuo contra o Estado?

E tambem se comprehende que os economistas mais ou menos burguezes de igual modo admittam os titulos. Pouco lhes importa que o operario os receba em troca do seu trabalho, ou que este lhe seja pago em moeda cunhada com a effigie da Republica ou da Monarchia. Teem que salvar da proxima catastrophe a propriedade individual das habitações, dos terrenos, das fabricas, ou pelo menos das casas e do capital necessario á producção manufactureira. E, para assegurar tal propriedade, os titulos de trabalho faziam-lhes bem bom arranjo.

Uma vez que o titulo possa servir de pagamento de objectos e carros, o proprietario da casa será compellido a recebel-o como premio de aluguer. E sendo a residencia, o campo, a officina, pertença de burguezes, forçoso será pagar a esses burguezes, duma maneira qualquer, para os decidir a consentir-vos que trabalheis nos seus campos ou nas suas officinas e que moreis nos seus predios. Preciso se torna, pois, fixar um salario ao artifice, pagar-lhe o seu trabalho, quer em ouro, quer em papel moeda, quer em titulos permutaveis com toda a sorte de commodidades.

Mas como é que se pode elogiar esta nova forma de salariato — o titulo —, se se diz que a casa, o campo e a fabrica deixam de ser propriedade particular, vindo a pertencer á communa ou á cidade?

P. Kropotkine.

(*Continúa.*)

Appello aos trabalhadores de Manáos!!

A situação precaria em que se encontra a vida de Manáos, demonstra á evidencia a necessidade da organisação operaria.

O operario, não se tem importado, absolutamente, com esse dever, decerto, porque a vida lhes sorria, mas n'uma felicidade ephemera! Porém agora, necessario se lhe torna essa organisação, não só para fazer valer os seus direitos, como ainda para a conquista de novos direitos que a natureza concedeu ao homem, cujo futuro, na sua ambição, será uma sociedade livre.

A constituição de sociedades de classe, é um dever que se impõe ao trabalhador do mundo culto, fortalecendo-as com a solidariedade de todos, debaixo dos sãos principios da ideia sacrosanta do Socialismo!

E' preciso impôrmo-nos ao capital que tudo avassalla, e erguermo-nos contra o desdem e o odio votado aos tarbalhadores, com o seu olhar ferino. Necessitamos acabar com a escravidão, preparando a nossa mentalidade com conhecimentos intelectuaes, tanto em conferencias como em palestras, bibliothecas, e ainda nas escolas praticas, naturaes e racionalistas.

O homem trabalhador deve precaver-se contra os improperios da vida, impondo-se com segurança, reconhecendo o dever de se associar, procurando estudar todos os phenomenos da vida quer de escravo ou servo, como ainda na constituição do futuro.

E' para a grandeza do dia de amanhã, que o homem deve preparar o seu cerebro, educando-se para uma sociedade nova, em que o principio é a moralidade e o respeito reciproco, e o conjuncto a Fraternidade e a Egualdade. E' para esse amplexo de principios, que o homem deve trabalhar conscienciosamente, sem o receio de ser derrubado!

Quer dizer, dentro d'este ambiente depravado, em que a justiça é o dinheiro, o senhor é o dinheiro, a força é o dinheiro, que impõe a condição humilhante de servo a seres humanos, temos de nos organisar com a verdadeira fé e solidariedade para receber-mos os embates do mesmo dinheiro!

Accordar, da indiferença em que nos encontramos, é tempo, para crear novo sangue que anniquile os nossos tuberculos.

E' com o movimento de classe, com o nome significativo de Syndicalismo, que o operariado se tem mancomunado na conquista de melhor salario e de menos horas de trabalho.

Porém, como são condições bellas a organisação do operariado — e dos seus feitos valorosos di-lo os movimentos de todos os dias, das continuas batalhas entre o capital e o trabalho, affirmanos seus exitos, — o operario ou trabalhador de Manáos não deve ficar alheio ao movimento mundial que se ergue a olhos vistos, formando fórte base, com alicerces seguros.

Emfrentemos o inimigo que nos suga o nosso sangue, collocando-nos no marasmo e desenvolvamos o nosso cerebro, dandolhe vida, força e consciencia.

Appello justo é este, que diz que é preciso unir as diversas classes, para melhorar as condições de vida de um povo, que soffre não só o pão do espirito, como ainda o pão da vida, necessario ao sustento dos filhos ou para o amparo de uma esposa idolatrada!

Formae esses baluartes, dentro d'esses sãos principios, organisai com acerto a nossa união, que o capital tremerá, ao receio de ser vencido na lucta gigantesca das reivindicações do povo!

Caminhae, seguindo as terras do sul que, accordando do indifferentismo, vêm-se organisando solidamente, como protesto aos seus oppressores.

Accudi a este appello que vereis as condições de todos os mais, garantidas e tereis ainda contribuido para a lucta em favor de uma grandiosa sociedade que tem por lemma: Egualdade e Justiça.

ANNAIV.

Em volta d'uma "gréve"

Ha já bastantes dias os operarios graphicos de — «O Tempo» diariamente publicado nesta cidade, se declararam em *greve* pacifica.

Segundo fomos informados a falta de pagamento aos operarios, motivou o levante.

Havia cinco semanas que os escravos d'aquelle orgam não tinham o prazer de contemplar o *gorro frigio* d'um nikel.

O padeiro á porta; o proprietario *amavel como sempre* ameaçava com despejo; a carne a 1500 e 1700; (ainda dizem que ha crise) o merceeiro suspendera o credito, o calçado gasto, e... emfim pelo esophago só passava (ás vezes) um café, — agua quente em direc-

ção do estomago — é singular. Como sanar esse mal?... Era quasi impossivel. O caso é que os graphicos d'«O Tempo» já não podiam resistir á sr.ª miseria e lá vae—reuniram-se. Falaram, discutiram mas por fim convenceram-se de que a Fome só a *aprecia* quem a passa e... Zás—a acção directa explodiu—Não se trabalha!—Foram unanimes todos, até o proprio Silvestre, que tambem já desanimára, cedeu á causa e amparou-a de principio: no fim,—como sempre, o Silvestre já em posse do dinheiro, murmurou: Hurrah! Agora é preciso salvar o emprego:—Eu não fiz... eu não compactúo com *greves*. Isso não. Eu sou catholico.—«A Cezar o que é de Cezar»... Por fim as coisas foram a palacio: Despacho—Deferido.—Sim, pague-se em termos e ponha todos na rua. Não escapou *um*. Só o mestre *porque soube preparar as coisas de maneira que não deu na vista.*

E' natural.

Se nos não falha a memoria esse sr. Silvestre já é turuna velho, quer dizer: Noutra época fez o mesmo. O *Diario do Amazonas* tem a palavra. «O Norte» (de saudosa memoria) tem a palavra, e parece que o *Jornal do Commercio* já teve a palavra. Pois sim, Silvestre, tens razão: Primeiro, tu; depois teu filho; logo mais, tu; si fôr cêdo, teu filho; si é tarde, tu... Bonito p'ra tua cara, maganão. Isso é que é *socialismo puro*, hein, patriota?

Lembra-te d'aquella phrase do teu mestre Jesus, pois tu és christão e irmão de cofrarias christãs: «Não queiras para outro o que não desejas para ti.»

Conclusão: Os operarios despedidos estavam satisfeitos. O *cobre* veio—a acção directa triumphou, e se não houvesse *anjos*, (como ha em toda a parte.) seria total a victoria. O jornal tinha que engulir os mesmos operarios, e pagar-lhes em dia, para o futuro, porém alguns *innocentes companheiros*, que, talvez a negrura da fôme ainda os não alcançou, correram, como galgos á porfia promptos a prestarem o seu *apoio* ao jornal. Foram acceitos; porém o Silvestre jurou aos céos que se vingaria e parece que a *buxa* já diminuio para alguem...

Não importa.

Esses *denodados collegas* que tão *nobremente* furaram a greve, são dignos de honrarias, pois além de ser um acto de *solidariedade social* demonstraram á medicina «que o corpo, não carece de alimento»: Para ter saúde basta trabalhar sem comer.

Uma medalha de sola (ao que nos consta), vae ser colocada ao peito desses heróes graficos que tão *valorosamente* se distinguiram dos animaes racionaes.

Duas bandas de musica e a companhia de caçadores farão as honras do estylo por occasião do acto, que terá lugar no curro (bairro de S. Raymundo) ás 20 horas do mez de janeiro proximo passado.

A entrada é franca.

Fallará no acto o *companheiro* Aristides Amazonas que será muito applaudido pelo auditorio.

Pois sim . . .

De Londres

. . . .

Quanto ao movimento operario, ha a notar uma victoria rapida completa dos *chauffeurs* de Londres. Velhas questões com os donos de carros, sobre o preço e qualidade do combustivel que elles pagavam, foi, além doutras, a causa do movimento.

Convidados a reunir na passada 2.ª feira, comparecendo 3.500 que deixaram os carros nas garages, alli formularam as suas exigencias que a ultima gréve não conseguiu vencer, como outras regalias que se iam perdendo.

A forma como as reclamações foram feitas ou como tencionavam conduzir-se, não sabemos bem; apenas sabemos que os patrões cederam immediatamente e que os operarios obtiveram um triumpho em toda a linha, dizendo-se orgulhosos que é para que as outras classes aprendam como se lucta e se triumpha. E elles lá sabem onde guardam o segredo da abelha... como cada classe devia saber o seu que as conduzisse á victoria das suas causas.

—Os mineiros parecem prepararem-se de novo para a «gréve» porque o governo não deseja rever a lei do Salario Minimo para que ella possa ser applicada aos que trabalham fóra das minas. Como se deprehende vae ser uma «gréve» mais contra o governo do que contra os patrões, e o *Executive of the Miners Federation of Great Brikain*, como bôa tactica para mais segura acção na lucta, está preparando negociações com os ferros-viarios e operarios de transportes.

—

A «Camara del Lavoro» de Cagliari, Sardenha, Italia, que até aqui tem seguido as praticas e as predicas dos socialistas, acaba de unir-se á *União Sindicale Italiana*, federação do sindicalismo revolucionario. E' mais uma desillusão que se desfaz e mais um appoio importante que os politicos perdem.

—O velho Amilcare Cipriani, o heroico combatente, cuja vida tem sido cheia de incidentes, foi eleito deputado pelo povo de Milão. Vejam como elle agradeceu aos eleitores: «Odeio violentamente porque amo profundamente; amo apaixonadamente o meu partido e as victimas que elle defende. Odeio a monarchia italiana. Este odio foi destilado no meu coração gotta a gotta, durante oito annos de prisão, durante 2.920 dias, dos quaes contei todas as horas, todos os minutos, com as palpitações do meu [illegible] de permanecer o que fui e o que sou para o povo, que me limpou da lama que as classes governamentaes me tinham atirado, eu não prestarei juramento no Parlamento, nem sequer irei a Italia. Ao povo, a esse repito o meu juramento de fidelidade o unico que importa, e o unico que conduzirá á libertação não meramente de um homem mas de todo um povo».

Combatente desinteressado, não é d'agora que a dignidade de Cipriani se recusa e tem resistido a receber honras de qualquer especie.

Soldado de Garibaldi, na Italia, comunard, na França; combatente em Creta, enfermeiro na Alexandria durante a colera de 1865, nunca luctou com mira em recompensas.

A Italia onde elle agora não quer entrar, offereceu-lhe uma medalha militar e não a acceitou; a França offereceu-lhe a Legião de Honra e recusou-a como recusou até um legado de 60.000 francos que lhe offereceram.

Não é dos nossos, mas mencionar estes exemplos de perseverança e tenacidade na lucta

emprehendida, não deslustram nem tornam demasiado longas estas notas.

—

As sufragistas voltaram á actividade ao incendiarismo e outras manifestações que vizam para chamar a attenção sobre as suas pessoas. Com uma destas, no tribunal de Bow-strut passou-se a seguinte scena:

Juiz — «Ponha-se em pé quando tiver que se me dirigir».

Suffragista — «Pôr-me-ia em pé, se tu te puzesses tambem».

Londres, 14-2-914.

H. Quesario.

Movimento local

Folgamos em registar nestas columnas o movimento social que se vae notando em Manáos, devido á iniciativa de alguns trabalhadores incansaveis nas organisações operarias.

Regosijamo-nos francamente com a evolução social que, dia a dia tende a abarcar o orbe para logo em seguida brotar a grande arvore, onde se acolherá a sociedade nova que tanto almejamos.

Por fim chegou o momento ao Amazonas, quer dizer as classes laboriosas daqui, já se compenetraram do seu papel primordial, na vida a trilhar para o futuro.

Os maritimos já teem a sua Federação organizada, abrangendo todos os seus ramos, isto é, todos os seus elementos de trabalho. Moços, marinheiros, creados da copa, taifeiros, maquinistas, pilotos, praticos, foguistas, e emfim, commandantes, todos unidos fundaram a sua federação que em breve colherá seguramente grandes fructos, dada a bôa orientação com que se vem mantendo.

Apezar de certos impecilhos, creados por individuos, que não tem a menor noção da causa social-operaria, a Federação Maritima é um facto, graças como acima dissemos a alguns denodados camaradas, que souberam impôr-se, escorraçando de seu seio os elementos intrusos.

Desejamos á Federação Maritima longa vida e desde já pomos á sua disposição estas columnas que, em synthese são de todos os que trabalham.

Os *chauffeurs* tambem se organisaram em sociedade o que demonstrou á evidencia que em seu meio ha rapazes cultos e compenetrados das vantagens que podem advir da sua União.

A sua Directoria já foi escolhida e empossada sendo bastante elevado o numero de associados.

Auguramos-lhes immensas victorias pois só assim poderão impôr-se ás exigencias descomunaes do patronato inclemente.

Essa classe tão numerosa e até aqui bem pouco unida que é de per si uma das classes mais indispensaveis á vida—Os alfaiates, tambem constituiram a sua sociedade com grande numero de artistas.

A iniciativa partiu de rapazes conhecedores de seus misteres, e foi coroada de exito. Já estão em elaboração os seus Estatutos.

Almejamos, boa orientação e solidariedade; pois, a classe de alfaiates é enorme e em breve verão os louros da sua obra emancipadora.

Aos demais trabalhadores que ainda não se organisaram aconselhamos a que o façam, dispondo para isso, se necessario fôr, do nosso pequeno, porém, sincero concurso, que desde já offerecemos.

A consciencia operaria

na Sociedade dos Praticos

Não ha duvida que é a experiencia que nos mostra os defeitos e os erros que necessitamos acabar ou onde devemos exercer a nossa acção reformadora, sem esquecer a solidariedade que deve approximar e unir todos os que trabalham. E os Praticos, observando isto, dão-nos a prova da sua mentalidade progressiva, que desperta do lethargo profundo em que teem estado mergulhados.

Os praticos mostram-nos não desprezar a solidariedade e que assimilando algumas formulas novas da organisação operaria, poderão ter, sem precisarmos de muito tempo, uma sociedade moldada nas modernas aspirações, que o operariado mundial vai acceitando.

Tinham estes camaradas duas sociedades em que se dividiam. Pois bem: a consciencia na solidariedade manifestou-se, unindo as duas numa só; e na acção social, a consciencia transparece na abolição de *beneficencia*—esse cancro que é preciso desapparecer das sociedades operarias.

Foi grande a satisfação e o regosijo que observamos no dia da posse da nova directoria, onde varios camaradas falaram, exortando a classe ao interesse pela sociedade e á propaganda dos seus fins de solidariedade. Entre outros fizeram uso da palavra Antonio de Castro e Silva, dos praticos; Angelo Cruz, pela Federação Maritima; Antonio Fernandes, pela Sociedade dos Mestres de pequena Cobotagem; André Santos, pelos machinistas; Benedicto Teixeira Pinto, pelos Foguistas e Tercio Miranda, pela Sociedade das Artes Graphicas.

A sessão foi presidida por Ignacio Loyola de Azevedo, 1.º vice-presidente, por falta do seu presidente, tomando os logares que lhes competiam Francisco Rodrigues, Erasmo Berger e Francisco Rodrigues, respectivamente 2.º vice-presidente, 1.º secretario e 2.º secretario.

—Benedicto Teixeira Pinto representava como 1.º secretario a União dos Foguistas, á pouco organisada, por motivos de dessidencia que originou a sua orientação, imposta por elementos extranhos.

A fome nos empregados

da Limpesa Publica

Os empregados da limpeza publica,—esses humildes e tão uteis saneadores da cidade declararam-se em «gréve» pacifica.

A falta de pagamento de seus vencimentos levou-os ao acto de paralysar o trabalho por tempo indeterminado...

Esperamos que os srs. «poderosos», a quem affecta o caso, saibam cumprir o seu dever, isto é, pagar immediatamente o salario desses escravos obreiros, que outros recursos não têm a não ser os que lhe faculta o seu esforço pessoal. Avante operarios. Sêde unidos e não cedaes uma linha sem ver cumpridas as vossas justas reclamações.

—Por falta de espaço deixamos de informar minuciosamente os leitores, o que faremos no proximo numero.